

Servidor do IML paralisa atividades

Davi Zocoli

Funcionários de apoio decidiram suspender, desde ontem, o trabalho de remoção e liberação de cadáveres

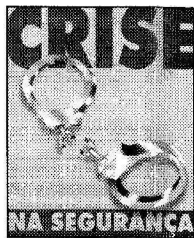
Só um plantonista estará disponível para o trabalho de necrópsia. Um motorista removerá os corpos na rua

MÁRCIA DELGADO

O final de semana promete ser tumultuado no Instituto de Medicina Legal (IML). A greve dos servidores de apoio da Unidade, deflagrada ontem, vai prejudicar o trabalho de remoção, liberação e necrópsia dos corpos, o que, certamente, vai causar mais transtorno aos parentes e amigos dos mortos. Apenas um plantonista fará a necrópsia dos cadáveres e um motorista estará disponível para remover os cadáveres nas ruas. Sábado e domingo, o IML recebe uma média de 30 corpos, que serão liberados por somente um servidor.

"Não faremos a remoção de corpos nos hospitais", avisou o presidente da Assaspc (Associação dos Servidores da Secretaria de Segurança Pública e da Polícia Civil), Lúcio de Oliveira. A visita aos presos no Complexo Penitenciário, que é viabilizada pelos servidores de apoio e pelos agentes penitenciários, só não deixará de acontecer porque a Polícia Militar garantiu apoio este final de semana nos presídios.

"O Comando Geral da PM já destinou 32 policiais para fazer a vistoria dos familiares e reforçar a segurança nos horários de visita", assinalou Hertz Andrade, chefe da Cosipe (Coordenação dos Sistema Penitenciário do Distrito Federal). Ele admite que o serviço burocrático do Complexo Penitenciário (Núcleo de Custódia, Papuda e Coméia) está emperrado por conta da greve dos Policiais Cíveis, mas que os presos estão



tendo banho de sol e alimentação regularmente.

Os servidores administrativos da Polícia Civil decidiram pela greve ontem de manhã. Eles fizeram uma assembléia ontem em frente ao IML e decidiram pela paralisação até terça-feira, quando definem, juntamente com os agentes, sobre a continuidade do movimento. A principal reivindicação dos funcionários de apoio à Polícia Civil é a regulamentação da Lei 1.370/97, que efetiva a carreira.

Atualmente, segundo o presidente do Sindser (Sindicato dos Servidores Públicos do DF), Cícero Rola, os funcionários de administração da Polícia Civil não têm identidade. "Estes servidores estão em uma situação ambígua. Não sabem se pertencem à Secretaria de Administração e de Segurança. É preciso que o governo defina isso o mais rápido possível", salientou Rola.

Além da efetivação da carreira, os servidores da Polícia Civil querem que o governo desconte 6% ao invés de 12% de INSS. Enquanto estas pendências não forem resolvidas, garante o Sindser, a greve dos funcionários de apoio continua. Neste período, quem for tirar uma Carteira de Identidade, por exemplo, vai precisar de paciência, pois os postos de identificação estão trabalhando com número de funcionários reduzido. As perícias técnicas, o conserto e remoção de viaturas deixarão de ser feitos.



PRINCIPAL reivindicação da categoria é a regulamentação da lei que vai efetivar a carreira dos servidores de apoio

Calvário para quem procura o serviço

Quem precisou utilizar os serviços do IML ontem de manhã já estava tendo dificuldades. O motorista Márcio Ribeiro, morador do Recanto das Emas, não escondia a sua irritação com a demora da liberação do corpo do seu sogro, Leonício de Souza, 54 anos, que morreu de infarto anteontem. Ele disse que teve de pedir ajuda de um médico amigo da família para que o corpo fosse removido ontem do Hospital

da Ceilândia para o IML.

"Apelamos até para um agente de polícia, para que nos ajudasse. Se não fosse isso, acho que só conseguiríamos liberar o corpo lá para quarta-feira", disse. Graças à ajuda dos amigos, Márcio teve a liberação do corpo ontem de manhã, para alívio dos familiares do morto. "A gente, que não tem nada a ver com isto, está sendo muito prejudicado por esta greve", comentou,

indignado, Márcio.

A situação tende a piorar neste final de semana. Se por um lado a população está reclamando, por outro, são os servidores de apoio que querem uma posição do governo em relação à categoria, que até hoje não é efetivada. "Estamos reivindicando o que é nosso de direito", salientou o auxiliar de administração, Sóstenes de Souza, que trabalha no Instituto de Criminalística (IC).

Há quatro anos na Polícia Civil, Sóstenes diz que seu salário líquido não passa de R\$ 315, valor que, nem de longe, lembra o do agente policial, que tem salário inicial de R\$ 1.600. Os servidores de apoio da Corporação garantem que, em algumas Unidades, realizam o mesmo trabalho que os agentes. "Não estamos falando em aumento salarial, queremos apenas ser reconhecidos", assinalou Sóstenes.(M.D.)